



Conteúdo

Editorial	4
Twin Cafs: Episódio 4	6
Pode o corpo ser o sujeito?	12
Tirinha!	15
Sobre “Space Song – Beach House”	16
Especial: Ilustrações de Maurício Goulart	17
Como não morrer de amor pelo reitor: Capítulo 1	18
Resenha sobre a exposição de Francis Bacon	20
Nas bordas do mundo	22
Filosofando o tempo.....	23
As máquinas entram em greve	24
Da obsessão	26
Tirinha! “Saco de Batatas”	28

Edição e diagramação:

Vitor Damilano

Maria Vitória Teles (Mavi)

Capa:

Carol Oitos

O RETORNO DO *DISCURSO SEM MÉTODO*: UMA APRESENTAÇÃO

Discurso sem método é o nosso jornal – nosso, de todo e cada estudante da filosofia da USP, seja da graduação ou da pós, de antes e de agora; tradicionalmente, mesmo pessoas de outros cursos participam e contribuem. Surge em junho de 2012, ainda sem o nome que tem – chamava-se apenas *Jornal da filosofia* à época, mais direto ao ponto mas menos charmoso, devo dizer –, porém, já com a publicação de textos de diversos formatos e gêneros, charges, imagens e tudo o mais. Desde aquele momento, o jornal tinha ligação com o CAF (na verdade, o nº 00 abre com uma coluna de nossa entidade comentando as eleições do DCE ocorridas naquele ano, e cada edição começa com algum posicionamento do centro acadêmico), mas uma ligação muito orgânica, natural. Por isso quero iniciar essa apresentação indicando e deixando de modo enfático uma coisa: o jornal *Discurso sem método* não é do CAF, mas é tocado principalmente por pessoas que têm alguma relação com a gestão vigente; contudo, nem por isso é necessário ser da gestão para ser do expediente editorial ou para mandar os textos. O *Discurso sem método*, como o CAF, é uma ferramenta e uma plataforma dos estudantes para experimentarem por si mesmos e sem intermediários as coisas num sentido político e estético, mas um não é o outro, nem um pertence ao outro. Ambos devem ser construídos pelos estudantes do nosso departamento, em vista de efetivar sua intervenção na realidade de forma molecular (ou, numa escala do que está mais próximo a nós).

Tendo isso em mente, fica mais fácil de afirmar que sim, o jornal é o jornal de todos os estudantes. Nele, podemos nos expressar sem o rigor absurdo a que estamos submetidos na academia, embora mesmo textos teóricos também possam ser publicados (temos, por exemplo, teses políticas e traduções de Preciado na primeira edição de 2019 e resenhas literárias e até uma discussão – atual, aliás – sobre transporte na USP no de 2013, apenas para citar algumas). A ideia é que os estudantes mandem textos e imagens, e isso significa tudo: poemas, crônicas, contos, teses, manifestos, fotografias, charges, histórias em quadrinhos, tudo (pode ser que um dia publiquemos um romance, mande o seu!). Com isso, buscamos criar um instrumento de e para todo mundo, que é um projeto coletivo, que mobiliza as pessoas da filosofia e permite que se presentifiquem mais nos espaços do curso, além de incentivar a socialização de artes e ideias. Isso casa bastante com alguns dos nortes de nossa gestão. Cito uma parte de nosso programa, disponível on-line:

Não temos, entretanto, ilusões de nenhuma forma. O que temos são princípios: autonomia, experimentação estética e organizacional, apoio mútuo, comunidade, descentralização, negação da hierarquia e ação direta. Louvamos referências de ontem e de hoje que sejam expressão de fluxos subversivos, de contestação e contradição, que se coloquem de modo não-espetacular contra o Capital, o Estado, o patriarcado branco supremacista, o heterossexualismo compulsório e formas de dispositivos de poder. O que não quer dizer que sejam essas apenas palavras: em nossas ações, buscamos concretizar (mesmo que com inúmeras e evidentes falhas) nossa utopia do agora, hoje, já.

O *Discurso sem método* é parte da dimensão estética que compreendemos que ocupa o CAF – e que pode se espalhar para todo o curso. Também é próximo ao projeto mais efetivamente

político que temos como determinante da entidade em nossa gestão: a auto-organização é necessária à estrutura de ambas as coisas, jornal e CAF. Não ter que passar por um processo burocrático e hierárquico para poder atuar é uma coisa essencialmente boa em nossa leitura; artisticamente em um, politicamente em outro, e isso com uma barreira que pretendemos cada vez mais fina.

Entretanto, fato é que o jornal não conseguiu ser tocado em todos os anos. A ruptura da pandemia, que significou aulas à distância até o primeiro semestre de 2022, afetou as possibilidades de novas edições desde então. O que buscamos agora é tentar consertar o problema que a ausência do Discurso representou. Sem ele, o curso fica menos vivo em todos os aspectos, porque só com o jornal é possível propiciar esse espaço de estetização e politização que almejamos estendido a nível de toda a filosofia – e a nível de toda a FFLCH, talvez.

Por isso, enfim, gostaria de agradecer à galera do expediente do jornal pela oportunidade de, como membro do CAF, escrever a apresentação desta, que é uma de suas edições mais importantes – a que marca seu retorno, após quase cinco anos de hiato. É muitíssimo necessário que os instrumentos do curso sejam ocupados pelos estudantes, e, como quero ter deixado claro, tanto o CAF quanto o *Discurso sem método* são dois dos mais interessantes, dadas as suas características. Nesse sentido, faço também um chamado: gente, leiam e divulguem o jornal; mas, mais que isso, participem dele, submetam suas obras, entrem para tocar as tarefas e demandas (sempre coletivamente tratadas) que fazem com que esse projeto continue. Assim, os horizontes dele podem ficar ainda mais amplos e conseguiremos florescer o *Discurso*, que pode ser o porta-voz de todos nós, estudantes.

Wenid q.,

membro do dispositivo político da

gestão ‘seita anarquista — fora USP do campus!!!’.

centro acadêmico da filosofia — ‘Prof. João Cruz Costa’.

Twin Cafs: episódio 4

Funny How Secrets Travel

Uirá Gamero

Anteriormente em Twin Cafs:

Se você perdeu os Episódios anteriores de Twin Cafs, leia no blog: <https://twincafs.blogspot.com/> OU no site do jornal Discurso sem Método: https://issuu.com/caf_usp OU procure os jornais físicos no Centro Acadêmico da Filosofia.

Twin Cafs: episódio 4

Funny How Secrets Travel

Relâmpagos ao longe anunciam a chegada de uma tempestade, visíveis pelas janelas do corredor em frente ao apartamento de Rita, no CRUSP, onde ela recebe uma visita inesperada durante a noite.

- Você não vai acreditar no que descobri! – disse Daniel, empolgado, com uma feição quase transtornada.

- Veja isso – continuou ele pegando *O Novo Discurso Sem Método* número 1 de 2015 e apontando para uma poesia:

“A Casa Monstra

*na casa não existe o acaso
eu e a casa temos elo
a casa é 70% água
a casa conta charadas
nos mostrando os quartos secretos*

*quando a parede sangra e o teto chora
quando a sombra perde a forma
quando achamos que é tudo transitório
repetimos o mesmo erro
pois não percebemos que dentro da casa
o tempo passa mais lento*

*a casa dentro da casa
a casa dentro do peito
a casa nos afaga
pois não existe nada
que nos dê mais garra
e que reconforte mais a alma
do que quando superamos um medo”*

- Muito profunda – comentou Rita – mas não entendo...
- A poesia também é anônima e possui um estilo parecido com a outra do autor do roubo. Mas não é só isso, veja esse verso “*eu e a casa temos elo*”, se juntarmos o início das três últimas palavras, remete a “*castelo*”. Eu pesquisei no *Facebook* que havia uma república de estudantes aqui próximo da universidade, que era uma casa tão grande que nomearam como República do Castelo.
- Sim já ouvi falar da República do Castelo, mas ela acabou faz muitos anos e está abandonada hoje em dia. Ninguém mais mora lá...
- Olha isso também, a primeira estrofe do poema tem cinco versos, a segunda tem seis e a terceira tem sete: 567 era o número do Castelo na rua Afonso Vaz no Morro do Querosene. Precisamos ir para lá agora!
- Calma – respondeu Rita assustada – são quase uma da manhã, a casa provavelmente deve estar trancada, não acha loucura, invadir assim? Além disso, havia boatos de que lá era um lugar mal-assombrado.
- Deixa eu mandar uma mensagem pra Jéssica e pro Willian pra ver o que eles acham sobre isso – continuou ela tirando uma foto da poesia com o celular – aliás parece que aconteceu alguma coisa na FFLCH, havia polícia indo para lá, vou ver se eles sabem de alguma coisa.

Daniel só responde que vai continuar lendo a poesia para ver se encontra mais pistas. Rita entra no banheiro, acende um cigarro pega o celular e envia a foto que acabara de tirar para Jessica com a seguinte mensagem:

Rita caf: gente, o Daniel está muito estranho aqui, dizendo que essa poesia tem alguma coisa a ver com a antiga República do Castelo, ele acha que deve ter pistas do roubo e quer ir pra lá agora.

A proposta da Praça do Relógio é cada área dela representar um ecossistema do Brasil. A parte que representaria a Mata Atlântica nada tem a ver com o bioma original, porém lá há uma vegetação densa o suficiente para Willian e Jessica ficarem escondidos enquanto observam de camarote o estranho evento ocorrido na Faculdade de Filosofia do outro lado da rua.

- Que diabos que aconteceu? O Lafatte estava todo cheio de sangue e sendo levado por uma ambulância – disse Jessica assustada.
- Pior que pela quantidade de polícia, acredito que não tenha sido nenhum acidente – responde Willian olhando para ela com os olhos levemente arregalados.
- Vou mandar no grupo pra ver o que galera acha sobre isso – diz Jessica enquanto pega o celular – espera, tem uma mensagem da Rita aqui.

Os dois juntam os rostos para ler a mensagem e a poesia citada nela, depois se entreolham perplexos.

- Engraçado, já havia visto essa poesia no Jornal, mas sempre achei que era uma metáfora para o subconsciente – menciona Willian.

Jessica, preocupada, prontamente responde à mensagem:

Jessica caf: Amiga sua louca, você realmente está cogitando ir pro Castelo de madrugada? O que vocês vão fazer? Invadir a casa? Aliás, aconteceu alguma coisa muito estranha aqui no prédio da Filô, está cheio de polícia e uma ambulância acabou de levar o Laffate desacordado e cheio de sangue.

Após ler a mensagem de Jéssica, Rita abre uma fresta na porta do banheiro e observa que Daniel está andando de um lado para o outro com o Jornal na mão recitando a poesia quase como se fosse um mantra.

“na casa não existe o acaso

eu e a casa temos elo”

Ela começa a pensar no comportamento estranho dele, o Daniel que conheceu, que ela considerava ser o próprio o Agente Cooper agora parece meio perturbado, e ainda surge com essa loucura de invadir uma casa abandonada amaldiçoada no meio da noite.

“a casa é 70% água”

Com isso Rita recorda das outras versões do Agente Cooper da terceira temporada do Twin Peaks, do Bad Cooper e do Doug, e o Daniel definitivamente não estava agindo como o Doug. Seria esse um outro Daniel? Um Bad Daniel? Teria duas ou mais versões dele? Aliás onde ele estava esse tempo todo? Será que ele tem alguma coisa a ver com o que aconteceu com o Lafatte?

“a casa nos conta charadas

Ao mesmo tempo parte dela começa a achar extremamente excitante essa ideia de entrar no Castelo, algo como uma missão de resolver mistérios das séries e filmes de terror que ela tanto gosta. E sempre tinha ouvido conversas dos seus veteranos falando daquele lugar, uma casa enorme com muitos cômodos e uma super vista, e que rolavam umas festas muito loucas regadas a drogas e sexo. Se não encontrarem nenhuma pista lá, no mínimo seria um lugar inusitado e instigante para os dois transarem essa noite

“nos mostrando os quartos secretos”

Ao fim, Rita apaga o cigarro na pia, joga a bituca no lixo, abre a porta para chamar a atenção de Daniel que continuava declamando o poema.

“quando a parede sangra e o teto chora”

- Daniel!

“quando a sombra perde a forma”

Daniel olha assustado para Rita como se tivesse sido acordado de um transe.

- Onde você estava esse tempo todo? – pergunta Rita desconfiada para ele – você não havia dito que iria para a sua casa hoje?

Nesse momento um alto trovão soa no céu.

- Sim, eu estava no ônibus já, lendo os Discurso Sem Método, lá eu cheguei a essa conclusão, desembarquei e vim para cá a pé.

Rita olha no olho de Daniel e percebe que é impossível ler a expressão daquele garoto misterioso que ela conheceu poucos dias atrás.

- Ok, vou me arrumar aqui, vamos para o Castelo!

No cerco policial que ocorria em frente ao prédio da Filosofia, estudantes que estavam na Quinta & Breja começam a surgir curiosos. Alguns poucos bêbados tentam puxar a palavra de ordem “FORA PM”, mas sem sucesso em alcançar o clamor das massas. Policiais lá presentes começam a sentir o dedo coçando, torcendo para receber uma ordem para abrir aquela bolsinha que carregam e já começar a tacar bombas naqueles que consideram os maconheiros vagabundos da USP.

Com a iminência da chuva, os transeuntes desistem de tentar entender o que está acontecendo, e começam já a se dirigir para ir embora. Entre eles estava Vitor.

- Preciso te contar uma coisa – disse Jéssica para Willian que ainda estavam escondidos observando tudo.

- Que você está ficando com o Vitor do primeiro ano? – interrompe Willian.

- Como você sabe?

- Difícil as coisas ficarem em segredo com a rede de fofocas que circula ali no prédio do meio né?

- Bom, de qualquer forma não estamos mais ficando, ele me irritou.

- Será que foi por isso que ele entrou na chapa Praxis Filosófica? – comentou Willian em tom irônico.

- Nossa, não sabia, entrou? Será que foi só de raiva do fora que eu dei nele? Mas o que você acha disso? Ficou chateado quando ficou sabendo?

- Olha Jessica – respondeu Willian olhando fixamente para os olhos dela – eu estou louco por você e quero que seja feliz também. Então não me importa com quem você esteja pegando, contando que estejamos juntos.

Os dois continuam se olhando, uma vontade de começar a se beijar intensamente ali mesmo cresce entre os dois. Mas logo passam a se lembrar do lugar e da situação em que encontram.

- Precisamos descobrir o que está acontecendo lá dentro – disse Jéssica.

- Talvez se a gente der a volta por cima da Biblioteca, descer ali na Tia Boa, se tiver alguma janela aberta do Verde, a gente possa entrar e ouvir alguma coisa lá de dentro.

Jessica fica surpresa pois achava que Willian iria a desencorajar e não incentivar aquele plano.

- Então vamos! - disseram os dois quase juntos.

Ao cruzar o Portão 1 Rita ficou pensando que fazia muito tempo que não saia do *campus*. Morando no CRUSP e estudando na FFLCH, sua vida atualmente se resumia à universidade. Não conseguia nem se lembrar quando fora a última vez que atravessava aquele portão.

No caminho ela foi contando para Daniel sobre o que ficou sabendo da polícia na Filosofia e do Lafatte estar ferido ou talvez algo até pior. Tentou ler na expressão de Daniel se ele sabia algo sobre isso, mas ele demonstrou surpresa, e ela percebe o quão impenetrável é o seu olhar para decifrar qualquer coisa que se passa em sua cabeça.

Já chegando na Vital Brasil, as primeiras gotas de chuva começam a cair. Eles continuam andando embaixo dos beirais dos prédios enquanto Rita procura o guarda-chuva em sua bolsa. No caminho havia um homem bêbado e sujo resmungando coisas sem sentido. E logo ela reconhece aquele homem como um dos guardas da entrada da Faculdade da Filosofia.

- Esse cara - cochicha ela para Daniel – ele é segurança do prédio do meio. Será que não é Jonas, o guardinha que Jessica e Barbara falaram aquele dia?

Ao chegar mais perto, ela resolve chamar a atenção do sujeito que estava andando cambaleando.

- Oi – disse ela se dirigindo ao homem – por acaso você não é o Jonas que trabalhava na FFLCH?

- Vocês não devem entrar lá! – respondeu Jonas pegando com as duas mãos nos dois braços de Rita de maneira agressiva – vocês não devem entrar naquela casa!

Daniel empurra o homem bêbado e puxa Rita pelo braço. Eles continuam seguindo os seus caminhos a passos largos para longe de Jonas, que continua gritando repetidamente ao longe:

- Vocês não devem entrar naquela casa!

No alto do bairro chamado de Morro do Querosene, perto da encruzilhada da Raposo Tavares, se encontra ele, o Castelo. A despeito dos boatos que ele desabaria com o

tempo devido as suas enormes rachaduras inclusive nas colunas de sustentação da casa, algumas com a largura de passar até uma mão, ele ainda está ali, de pé, imponente.

Na sua fachada uma pintura recente malfeita tenta encobrir porcamente as pixações e os “grafites” feitos pelas dezenas de pessoas que já habitaram aquele lugar. Os seus quartos e corredores, que antes eram movimentados intensamente durante os dias e noites, agora se encontram vazios, passando apenas o vento pelos buracos dos vidros quebrados, algumas vezes batendo as portas dos quartos que há tempos já não tinham mais trincos nem maçanetas, e dando uma certa vida ainda à casa, quase como se ela estivesse respirando.

Atrás do casarão há uma pequena vila, com algumas edículas, que os moradores apelidavam de “Vila do Chaves”. Agora parte dela já está sem qualquer teto cobrindo-as, apenas pedaços de telha quebrados no chão e um esqueleto de uma estrutura que um dia já foi um telhado.

Uma dessas construções peculiares no fundo da casa é uma edícula de dois andares, ligados por uma escada caracol de ferro enferrujado do lado de fora, que o fato de nenhuma pessoa ter caído bêbado dela, ou da própria escada não ter desabado com o tempo, faz parte de apenas mais um da grande leva de mistérios que permearam aquela moradia.

E atrás da porta da chamada “Edícula de Cima” está pendurado ele, com sua moldura trincada, o Quadro da Laura Palmer.

Continua...



O sentido de ser de todos os seres possíveis

Vitor Damilano

O sentido de ser de todos os seres possíveis – Reflexões sobre o novo estatuto do corpo na fenomenologia da experiência de Merleau-Ponty

(...) já estou de algum modo presa à terra: sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser. E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério. Sou uma só. Antes havia uma diferença entre escrever e eu (ou não havia? não sei). Agora mais não. Sou um ser. E deixo que você seja. Isso lhe assusta? Creio que sim. Mas vale a pena. Mesmo que doa. Dói só no começo.

Clarice Lispector, A descoberta do mundo

Em 1945, com a publicação de *Fenomenologia da Percepção*, o corpo entra em protagonismo e passa adquirir uma nova roupagem dentro da reflexão fenomenológica, que se afasta e evoca diferenças epistemológicas em relação à Psicologia Clássica – lugar científico do qual o corpo é concebido como um objeto de análise, de modo que o caráter furtivo e indeterminado do corpo, primário na reflexão de Merleau-Ponty, passa a ocupar uma posição secundária. O afastamento das categorias puramente objetivas, desenvolvido no decorrer da *Fenomenologia*, nos permite conceber com mais clareza esse novo estatuto do corpo, de forma que o corpo deixa de ser mero objeto de análise e assume o protagonismo da existência. Nesse sentido, a percepção, esta que opera de maneira intersensorial, concebe uma unidade ao corpo, que é diferente da unidade dos objetos extrínsecos; trata-se, portanto, de uma unidade intrínseca:

Podemos considerá-lo em meio aos objetos que o cercam, podemos ver as partes do nosso corpo em meio a esses objetos. Mas não podemos dizer que meu braço encontra-se ao lado do cinzeiro do mesmo modo que o cinzeiro encontra-se ao lado do telefone. (MERLEAU-PONTY, ed. 2006, p. 114)

Assim concebemos o corpo, pois, complementa Merleau-Ponty (2006, p. 114), as partes de nosso corpo "[...] ligam-se umas às outras de uma maneira original: elas não se encontram estendidas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras". Isso significa que não se percebe o próprio corpo da mesma maneira que se percebe os objetos no espaço extrínseco, no espaço de coordenadas:

Não construímos a percepção como se constrói uma casa, reunindo materiais emprestados dos sentidos e materiais emprestados da memória; não podemos explicá-la como um acontecimento da natureza, situando-a na confluência de várias séries causais – mecanismos sensoriais e mecanismos mnemônicos. MERLEAU-PONTY, 2006, p. 307)

A corporeidade é um modo de existência e o corpo dispõe de uma forma de unidade característica, que é o chamado esquema corporal, um dos conceitos elementares para a compreensão da noção de corpo em Merleau-Ponty na obra de 1945. Reiteramos seu protagonismo:

É o corpo [...] que “apanha” (kapiert) e que “compreende” o movimento. A aquisição do hábito é de fato a apreensão de uma significação, mas é a apreensão motora de uma significação motora. O que se quer dizer precisamente com isso? Uma mulher mantém sem cálculo um intervalo de segurança entre a pluma de seu chapéu e os objetos que poderiam danificá-la, ela sente onde está a pluma como sentimos onde está nossa mão. (MERLEAU- PONTY, ed. 2006, p. 167)

Sendo assim, o esquema corporal é um certo modo de existência, no qual o corpo configura uma unidade intrinsecamente formada, pois há uma relação constitutiva intrínseca entre as partes que respondem pela sua dinâmica, pertencente a uma espacialidade diferente da espacialidade extrínseca. Constituída por um caráter gerador, essa espacialidade configura, ela própria, o espaço. Logo, é a partir da espacialidade de situação do meu corpo que eu percebo o lugar dos outros objetos, de maneira a conceber uma outra dinâmica de relação entre os termos, estabelecida no corpo fenomenológico, do corpo em ação – uma vez que o movimento é a ação mais fundamental do corpo.

Todo ato de reflexão, toda tomada de posição voluntária se estabelece tendo como dimensão uma vida de consciência pré-pessoal. [...] A análise perceptiva revela em primeiro lugar o sujeito efetivo da percepção: o corpo [...] Merleau- Ponty pretende pôr em relevo o corpo fenomenal ou vivo que, sem deixar de ser objeto estranho, se comporta como sujeito, como subjetividade, quase- sujeito ou Eu natural [...]. A operação perceptiva se realiza a partir do corpo. [...] O corpo é dotado de uma autoconsciência, de um esquema corpóreo dinâmico, um sistema de equivalências, um sistema invariante pelo qual as diferentes tarefas motoras são imediatamente transponíveis. O corpo parece esboçar uma espécie de reflexão. [...] O corpo é uma potência originária, um sistema aberto sobre o mundo, o medidor do mundo. [...] A síntese do objeto é a réplica da síntese do corpo. [...] a minha existência como subjetividade faz unidade com minha existência como corpo e com a existência do mundo. (GILES, 1979, p. 16-18)

O movimento torna evidente a “vida” do corpo fenomenológico: é um saber próprio do corpo, que não passa nem só pela consciência, nem só por processos mecânicos, sendo, portanto, uma espécie de encontro que estabelece uma referencialidade entre o corpo e o mundo. A noção de referencialidade é explorada através do conceito de intencionalidade. Em vista disso, destacamos o

caráter espontâneo da referencialidade entre o corpo e o mundo. Espontaneidade que se dá sem necessariamente excluir a dinâmica fisiológica nem a consciência, posto que ela própria antecede a sua dualidade:

Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem precisar passar por "representações", sem subordinar-se a uma "função simbólica" ou "objetivante". (MERLEAU-PONTY, ed. 2006, p. 195)

O corpo não é apenas uma coisa, subsumido à análise objetiva, mas é uma condição permanente da experiência. Assim sendo, o objeto não existe primeiro como um objeto pensado pela consciência, porém como coisa percebida: polo e parte do campo existencial, algo que se correlaciona com o corpo.

Ainda mais, há uma espécie de afastamento do modelo de representação kantiana, de modo que o atual lugar do corpo pontyano se desvencilha da região do “em si”, pois ele não está subsumido à consciência, visto que o sujeito normal não precisa representar seu corpo em movimento. Portanto, “não se deve dizer que nosso corpo está no espaço nem tampouco que ele está no tempo”, porque o corpo não é um objeto concebido a partir das categorias do entendimento, logo “ele habita o espaço e o tempo” (MERLEAU-PONTY, ed. 2006). Nesse momento, não mais se trata de um corpo passivo e dado no espaço e no tempo, mas de um corpo que habita o espaço e o tempo e o configura, tomando para si um caráter ativo.

Partindo dessa constatação, destacamos que somente no caso da patologia é necessário que o movimento seja pensado ou representado premeditadamente para ser executado. Para elucidar essa situação específica, servimo-nos de um exemplo examinado na obra referida, contido no capítulo III da seção O Corpo, a respeito da imitação entre dois corpos: o corpo do médico e o corpo do paciente chamado de “Schn”. Notamos que, na imitação em casos não patológicos, o movimento específico do sujeito identifica-se imediatamente àquele de seu parceiro. No caso do doente, o contrário ocorre, e não há essa correspondência imediata na imitação do movimento. Desse modo, explicações do tipo “a mão que aparece à direita de meu campo visual para meu parceiro é a mão direita”, tornam-se necessárias para que o doente possa proceder com esse jogo de imitação, realizando-o ou não.

Ademais podemos constatar, no caso do sujeito não patológico, que “a ação do sujeito adere imediatamente ao seu modelo, o sujeito se projeta ou se irrealiza nele, identifica-se com ele, e a mudança de coordenadas está eminentemente contida nesta operação existencial” (MERLEAU-PONTY, ed. 2006, p. 196). Portanto, não se pensa essa correlação. Sendo dessa maneira, como se torna possível, no caso da imitação que mostra a relação entre dois corpos, na qual cada corpo tem uma espécie de mundo próprio, que ocorra essa transposição do movimento de um corpo no outro corpo sem que isso se dê como uma operação do entendimento? Merleau-Ponty (ed. 2006, p. 196) discorre:

Tal fato ocorre porque o sujeito normal possui seu corpo não apenas como sistema de posições atuais, mas também, por isso mesmo, como sistema aberto de uma infinidade de posições equivalentes em outras orientações. O que chamamos de esquema corporal é justamente esse sistema de equivalências, esse invariante imediatamente dado pelo qual as diferentes tarefas motoras são instantaneamente transponíveis

Por fim, temos que o corpo em Merleau-Ponty é concebido como uma estrutura e, não somente, como uma estrutura necessariamente aberta. Em vista disso, observamos que a contraposição dos casos considerados normais e patológicos pelo autor, a respeito do exemplo da imitação, evidenciou a noção de esquema corporal como um sistema de transposições e equivalências: é a maneira qual o corpo se exprime e se mostra no mundo. Assim, a noção de corpo como objeto ou apenas de um conjunto de posições atuais é deposta por Merleau-Ponty em favor de um corpo vivo, que não é apenas um objeto de análise para a ciência, mas uma condição permanente da experiência, que é constituinte da abertura perceptiva para o mundo e seu investimento. Logo, o corpo é uma experiência não apenas do meu corpo, mas também uma experiência do corpo no mundo enquanto um certo sistema de equivalências que permite transposições e que é aberto, porque ele não é um objeto em si, fechado, sendo, portanto, uma dinâmica relacional.

O que há, de fato, é a correlação entre as próprias partes do corpo: entre o corpo e o mundo e entre corpos. Temos aqui, portanto, um sistema de equivalências espontâneo, de caráter pré-dual, que não é deliberado, nem tampouco posto pela consciência, e que de modo algum resume, mas contribui para a compreensão do que Merleau-Ponty chama de esquema corporal ao desenvolver uma abordagem inédita e radical do corpo dentro fenomenologia do século XX. Na contramão de empiristas e intelectualistas, ao atacar os dogmatismos de uma ciência que se considera plena de conhecimento, **o primado da percepção adotado por Merleau-Ponty restitui, em 1945, o sentido de ser de todos os seres possíveis, a saber: nossa abertura e inserção originárias num mundo e num corpo vivo, a partir de onde todo contato possível com qualquer transcendência se estabelece.**

*MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Tirinha!

Anônimo



Sobre “Space Song – Beach House”

Ricardo Alves

Sobre “Space Song – Beach House”

Cuidarei agora de uma música que rompe com os limites de uma só alma, que trata de algo maior, a começar pelo título: “*Space Song*”. Em português: “música espacial (ou universal)”. Afirmo isso inspirado num poema de Carlos Drummond, onde o mesmo diz: “meu coração não é maior que o mundo”. Minha alma não é maior que o universo. O universo não cabe na minha alma, mas minha alma cabe no universo. Há esperança. Os versos repetindo diversas vezes “*fall back into place*” parecem condizer com essa esperança. São versos misteriosos, sim, e assim nutrem a esperança. Pois, se houvesse uma garantia, seria certeza, resultaria em tédio, matando o próprio sentido da esperança.

Nós ficamos sem entender bem o que está *falling back*, e para qual *place*. Quem é o eu-lírico? Uma das garotas dos olhos abertos querendo voltar para si ou outro alguém que sente saudade dela? A saudade não está explícita em um só verso específico da música, mas em seu conjunto; por exemplo, no verso “*who will dry your eyes, when it falls apart?*” há a indicação de um aspecto da saudade, que é o desejo de poder estar presente ainda para auxiliar a pessoa perdida, principalmente nos momentos difíceis; há também o verso “*somewhere in these eyes, I’m on your side*”, que expressa a carência de quem não se sente ao lado da pessoa perdida. Enfim, há saudade na música. Mas, se há saudade, pressupõe-se que ela, a garota, se perdeu ou foi perdida, entretanto, “*were you ever lost?*”, questiona o eu-lírico, e continua perguntando “*when she ever found?*”. A alternância da segunda pessoa do discurso (*you* = você) para a terceira pessoa gramatical (*she* = ela) deixa tudo mais em aberto, em mistério. Talvez se trate de um “nós”, que une o eu e o ela como parte de um único universo, uma única música.

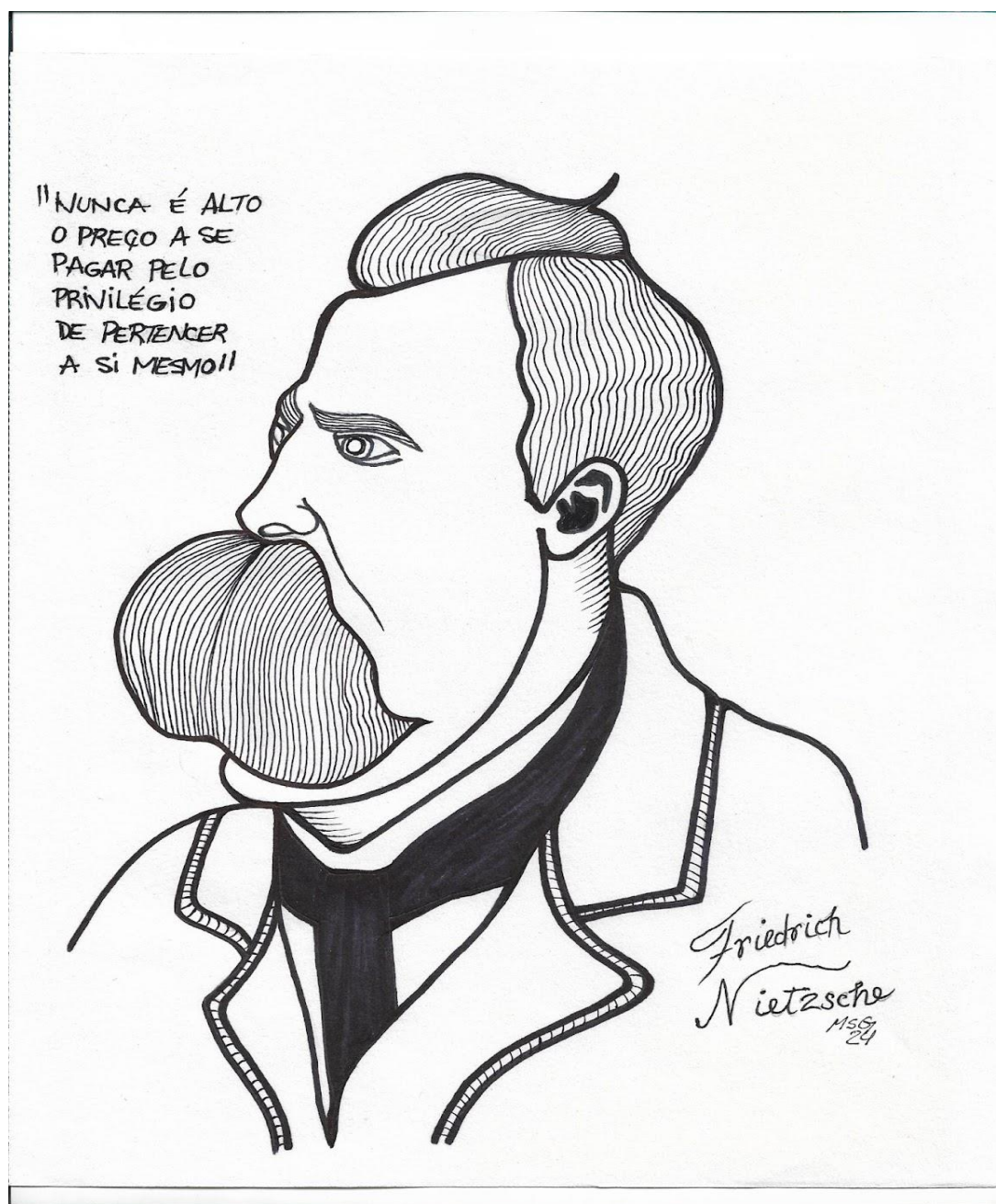
Da segunda questão, podemos indagar ainda mais: quando ela se encontrou, ou foi encontrada, por completo? Ainda não acabou, ainda está no *falling* (verbo no gerúndio, em ação), por mais que haja um desejo de chegar ao *fall* (verbo no infinitivo), de ser eternamente concluída, ser finalmente encontrada. A própria expressão *fall back* remete à noção de retorno, o que parece estranho ao conceito de entropia espacial, de dispersamento da energia, de que nada vai voltar a ser como antes e nem mais simples, e mais estranho ainda ao relacionar essa expressão à noção de que a garota ainda está em direção ao *place*, afinal, se ela está retornando ao infinito, significa que em algum momento a mesma já esteve lá; porém, como o infinito se perde e se torna passageiro? Não entendo o como, e muito menos

o porquê. Mas paira na música essa mensagem de um desejo de eternidade, uma saudade, da garota, avalizada pela melodia suave enquanto inquietante. Avalizada também por La Boétie, ao dizer: *“on ne plaint jamais ce que l'on n'a jamais eu”*. Em português: “nós nunca clamamos por aquilo que nunca possuímos”.

O que posso concluir é que a garota sente e a pessoa que sente saudade dela também (seja quem for). Nós sentimos mais do que entendemos o infinito, e podemos esperar, desejando, pois, se estivemos no infinito, ele ainda não nos completou, e há algo acontecendo, (ca)indo em direção ao seu devido lugar. *“It will take a while to make you smile”*. Ainda sentimos saudade e isso é uma dádiva que o infinito não compreende, não vive.

ESPECIAL: Ilustrações de Maurício Goulart

@arsimaginaria



Como não morrer de amor pelo reitor

Mavi

Capítulo 1: Amor e Ódio na Academia

Reitoria da Universidade de São Paulo.

João Paulo, o estimado reitor da Universidade de São Paulo, sentava-se tranquilamente em sua cadeira quando avistou em sua janela uma figura que tentava evitar a qualquer custo há dias. Pensativo, indagou, “Como eu vou sobreviver a mais um encontro com o diretor da FFLCH, Luís Fernando, sem sentir que meu peito poderia explodir de emoções conflituosas a qualquer momento?”

A porta logo se abriu e Luís Fernando entrou, seu olhar intenso e áspero como sempre. Andando ligeiramente apressado, escolheu ficar em pé, próximo à janela, onde a luz do sol realçava sua presença.

– João, precisamos discutir o orçamento da FFLCH. E, por favor, não comece novamente com aquele assunto sobre... Luís fez uma pequena pausa enquanto fitava a gravata ligeiramente torta de João. – Cof... Você sabe.

João Paulo sentiu um arrepio. Odiava a forma como Luís Fernando o chamava de “João” como se fossem tão próximos, mas ao mesmo tempo, de maneira curiosa, ansiava por ouvir essa voz todos os dias. Fingindo que não ouviu a última parte, ele respondeu olhando vagamente entre as janelas de seu escritório.

– Luís, você sabe que o orçamento está apertado. Disse João Paulo, tentando manter a calma e visivelmente falhando.

Luís Fernando se aproximou, seu perfume de Old Spice Lenha da Montanha preenchendo o ar.

– Eu sei, mas preciso de mais recursos para os nossos projetos. E para comprar mais camisas justas.

João Paulo sentiu seu coração acelerar.

– Luís, você sempre foi um desafio... Até quando pretende usar essas camisas comicamente apertadas?

Luís Fernando sorriu, seu olhar faiscando.

– E você sempre foi um obstáculo... Não entende que preciso dar valor existencial aos 457 ar-condicionados instalados nesse prédio?

– Ah, por favor, não comece com estas questões existenciais novamente, você sabe muito bem o que pode acontecer se isso chegar aos estudantes desocupados da Filosofia!

O silêncio que se seguiu foi eletrizante. Literalmente. Ambos sabiam que estavam jogando um jogo perigoso, onde algo mais forte do que o antigo ódio e rivalidade que viveu entre eles por tantos anos começava ligeiramente a transparecer.

– Eu vou aprovar o orçamento. Disse João Paulo, surpreendendo a si mesmo.

Luís Fernando ergueu uma sobrancelha.

– Por quê? Você me ama tão ardentemente assim?

João Paulo sorriu e aproximou lentamente seu rosto ao de Luís, seu coração batendo forte.

– Não, é apenas porque eu quero ver você feliz... E com mais camisas justas.

Luís Fernando riu baixinho, seu olhar hipnotizante.

– Você é um mentiroso, João. Você quer muito mais do que isso.

Assustado, João Paulo sentiu seu rosto aquecer.

– O que você quer dizer?

Luís Fernando se aproximou mais, sua voz um sussurro.

– Você sabe exatamente o que eu quero dizer.

O ar entre eles estava carregado de tensão. João Paulo estava em pânico, toda aquela situação era embaraçosa demais e Luís Fernando se aproximava para cada vez mais perto. O ódio que João Paulo sentia por Luís Fernando o consumia em um nível tão catastrófico que o deixava praticamente anestesiado.

De repente, o telefone de João Paulo tocou, quebrando o silêncio. Ele atendeu, aliviado, mas Luís Fernando não se moveu sequer um centímetro. Continuou ali, olhando para João Paulo com um olhar que fazia seu coração tremer como a praça do relógio às dezoito horas, quando todas as baterias do campus resolviam ensaiar ao mesmo tempo.

– Sim, estou ocupado. Não posso atender agora. Disse João Paulo, desligando o telefone.

Luís Fernando sorriu.

– Você não pode me evitar para sempre, João. Você sabe disso, não é? A calourada do ano que vem se aproxima cada vez mais...

João Paulo sentiu um arrepio. Sabia que Luís Fernando estava certo. Não podia evitar para sempre.

Mas, evitar o que exatamente?

Resenha sobre a exposição de Francis Bacon

Flavia de Santis Prada

Resenha sobre a exposição de Francis Bacon no MASP em 2024: um acesso privilegiado para se pensar sobre Deleuze.

Eu estive presente à primeira exposição individual no Brasil dedicada à obra de Francis Bacon, pintor irlandês de século XX, no MASP em três visitas distintas, separadas por poucas semanas. A mostra *Francis Bacon: a beleza da carne* apresentou de modo pioneiro um foco *queer* sobre a obra do artista, com 23 pinturas produzidas entre 1947 e 1988, mas o que me chamou atenção foi o fato de Gilles Deleuze ter se debruçado sobre esta produção artística com o olhar filosófico.

A primeira impressão que tive foi a de observar figuras despedaçadas, deterioradas em sua composição orgânica. Sem expectativas, e sem conhecer nada sobre o artista e sua obra, fui invadida por sensações primordiais e não por elaborações intelectuais num primeiro momento. Ao criar um conjunto de pinturas tão radical quanto desconcertante, o artista revolucionou o modo de pintar a figura humana e compreendi que não foi à toa que Gilles Deleuze ali se deteve.

As perguntas típicas que nos fazemos diante de uma obra de arte, como ‘o que significa? Ou o que quis dizer?’ não se aplicam às telas de Francis Bacon. Não se trata de representação da figura humana enquanto representação, mas sim da produção de um fenômeno. O fenômeno merleau-pontiano ‘da mão que toca e que é tocada’ porque frente a uma tela de Bacon temos as sensações, os afetos, a perda da referência de figura e fundo e a falta da narrativa que uma tela representativa nos entrega. É pura sensação. Mais que um fenômeno, a tela de Bacon é um fato!

Humanos são desfigurados até perder parte de sua humanidade e expor ali o que temos de animal e de carnal. Nós nos vemos esquartejados como uma res no açougue, cortados e dependurados, nos lembrando de que somos feitos de carne, e a nossa carne é a carne do mundo. Dependurados estão também todos os sofrimentos do Cristo crucificado, de nós humanos quaisquer e dos animais abatidos e expostos no açougue, mas não somos carne morta: somos carne viva porque temos cor, acrobacia, convulsão, desejo, gozo e desesperança. Em frente às telas de Bacon também vivenciei a dissolução da dualidade sujeito-objeto que nos propõe Merleau-Ponty. As telas normalmente não têm narrativa: são figuras, mais ou menos diluídas em seu contorno, como se fossem vistas ao longe por uma pessoa míope, que não lhes delimita com precisão seus limites. Cercadas por um redondel ou por uma forma geométrica, como um paralelepípedo, a figura não representa: ela se apresenta sem elementos que indiquem um contexto. O contexto é dado pelo arsenal individual de cada pessoa que se detenha à frente da tela. Se a tela com figuras supostamente masculinas sentadas num pub inglês, sujo e mal frequentado na década de 60, em busca de encontros homoafetivos proibidos, isto estará apenas posto como condição de possibilidade para mim, na minha abstração, e para ninguém mais. Podem ser red-necks no happy hour em qualquer outro tempo e espaço ou ainda algo totalmente diferente. Noutra tela, a figura que tenta abrir, nu, uma porta com uma acrobacia, segurando uma pequena chave com os dedos do pé. Este corpo alongado que tenta em um tempo infinito abrir a porta tem ao seu lado uma coisa que para mim é um intestino delgado jogado no chão. Para meu amigo que aprecia a tela ao meu lado, é

uma pilha de jornais. Mas tanto faz! A abstração é secundária a uma sensação, que é primeiramente fenomenológica.

Bacon pinta corpos e nada mais. E aí está a chave fenomenológica: não dá nem pede explicações, não tem conteúdo psicanalítico nem instigação ideológica. As transformações das formas geram linhas de fuga para múltiplas sensações. Não são fugas de alienação, mas são aberturas para que as forças invisíveis possam se tornar palpáveis: elas deformam cabeças, corpos, silhuetas e contornos. Corpos sem órgãos aparecem: bocas que ao invés de comer apenas, gritam gritos insuportáveis e inaudíveis. Corpos entrelaçados estão em êxtase ou em agonia? O sexo ali exposto não dá gênero à figura, mas bestialidade? A esta indiscernibilidade me parece claro que Deleuze tenha enxergado ali uma expressão do devir-animal, porque as telas nos remetem à animalidade à qual nós humanos somos primordialmente. Assim sendo, depreendo que Bacon se incumbe de me entregar corpos deformados, mais do que transformados, porque me entrega a coisa como ela se manifesta a mim.

Bacon pinta sensação: não há necessidade de abstração, de elaboração, porque a figura nos remete a um sentimento imediato. Se não há mediação, o que resta?

O que resta são as forças e como elas se expressam. Forças obscuras que movem a figura se contorcendo sob um leito, com uma agulha de uma seringa fincada no braço. Deleuze diz que aquele corpo que ir embora pelo buraco da agulha e eu digo que aquele corpo de cabeça disforme e sem rosto, com um falo e duas mamas, está aterrado no mundo preso pela agulha. A droga ali injetada é que traz a possibilidade de estar no mundo insuportável. O humano que se mostra diluído e sem contornos assume também partes animais, me lembrando de que somos apenas entes no mundo, sujeitos a vicissitudes. Entretanto, se estão presentes forças obscuras, também estão presentes forças invisíveis, que deformam os corpos, para a captura de uma ideia pura. Mas que ideia pura se um humano, e eu, uma humana, sou também um pedaço de carne?

O subtítulo da exposição no MASP: *a beleza da carne* advém de um relato do artista (reproduzida na parede da primeira sala) em uma entrevista ao crítico de arte David Sylvester, realizada em 1966. Nesta ocasião Bacon expressa sua admiração pela beleza impactante dos cortes de carne de animais penduradas em um açougue. As palavras de Bacon apontam para certas dualidades que emergem de maneira potente em sua obra: a beleza e o horror, a vida e a morte, a sedução e a destruição, erotismo e repugnância: tudo isso em corpos de carne e osso, vivos e despedaçados. A violência de ser carne e estar à mercê das transformações possíveis por forças invisíveis. Forças deformantes, que geram um puro caos de possibilidades múltiplas. Figuras e mais figuras encarceradas dentro de espaços geométricos, que parecem aumentar a sensação de claustrofobia, desesperança e isolamento. Nestas sensações que se despertam no correr da observação das telas expostas, estão nascentes inquietações que são muito humanas, e também ontológicas: que devires vão perpassar minha carne? Meu corpo?

Não foi à toa que Bacon se dedicou a ensaios, a dípticos e trípticos: não precisa de uma obra representativa, como *As Meninas* de Velázquez, de 1656, na qual o pintor representa a representação. Bacon busca a imagem de uma boca aberta, com o formato de um focinho de um animal, projetada em minha direção, que entra pelas minhas retinas, como um punhal. É um grito que não é som, mas é uma descomunal força sensível. É a violência da boca aberta em dor e desespero que agora passo a sentir. Só posso sentir, e antes mesmo de refletir, a força da união indissolúvel entre sujeito e objeto já se deu.

Nas bordas do mundo

Floreios de Anna Liz

Nas bordas do mundo

Eu, Lúcia.

Certo dia, quando voltava da faculdade de economia, vi no estacionamento do prédio de filosofia, letras e ciências humanas, um Monza azul-petróleo com um adesivo enorme colado no lado esquerdo do vidro traseiro, com os seguintes dizeres: “há uma linguagem tácita em todas as relações, nas obras de arte e, principalmente, na natureza. Vire o olhar para a verdade e perceba o que está implícito”.

Aquilo me incomodou, pois eu, quem sempre lidou com números e o lado financeiro das coisas, nunca entendi bem esses devaneios de filósofos. Mas confesso, essa palavra me pegou, que diabos poderia significar tácito? Anotei no bloco de notas do meu celular para pesquisar sobre isso quando chegasse em casa.

Foi então, que na esquina em que eu esperava o meu ônibus, um senhor transeunte, com uma trouxa nas mãos e outra nas costas, me disse para mudar a visão; de que eu fazia perguntas erradas para os meus pensamentos incertos. Ignorei a presença dele, mas de novo me comoveu, pois há um ano e meio venho me tratando contra crises de ansiedade e contra uma depressão cada vez mais persistente, ou seja, tudo me afeta.

O 8032 chegou, e eu já esperava que estivesse cheio, pois como é de costume, às 22:30 ele sempre está lotado. Mas estranhamente, só havia eu, a cobradora e o motorista. Passei meu cartão para pagar a passagem e dei boa noite a cobradora, que percebeu que havia lágrimas em meus olhos que não tinham escorrido. Foi então que ela olhou para mim e me disse: uma tela em branco, pode ser uma obra antes mesmo de ser finalizada com traços de um pincel mergulhado na tinta óleo”.

Achei extremamente perturbador em um único dia não entender nada daquilo que todas essas pessoas me falavam. Por fim, cheguei no ponto próximo de casa, entrei em minha residência e fui direto procurar meu dicionário cheio de pó. Nele, o significado de tácito era o seguinte: “que se entende, sem precisar exprimir por palavras”. Foi pior, porque continuei sem entender absolutamente nada.

Foi então que, arrasada, caí num sono profundo e fui parar direto nas bordas do mundo. Vi o cheiro, ouvi a visão, beije a água e meus medos saíram do peito. Sem contar que meu cabelo era líquido e já não mais sofria por quem arrombou minha sanidade e nem sequer limpou os cacos.

Era tão psicodélico esse sonho, mas entendi. Sempre estive limitada, nas bordas, no beiral da ignorância, nunca ultrapassei os limites... Não aprendi a ler direito na escola, não soube fazer conta de divisão até a sexta série e nunca me permitiram amar além da idealização.

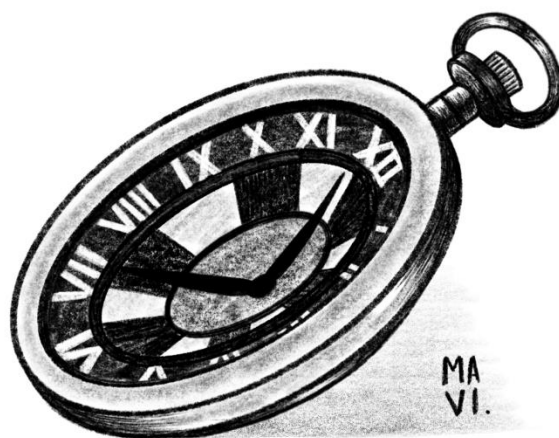
Agora, entendo o que é tácito e, principalmente, o que é estar nas bordas do mundo e não saltar para o mais profundo do universo. Sim, eu já sei, há uma linguagem tácita que não diz a verdade através da fala, mas me amarra para não conhecer o lado feio do bordado das relações.

Essa sou eu, Lúcia, após dois copos bem servidos de chá de cogumelo.

Filosofando o tempo

Kauã S. e Santonia

do quase-vida: contemplo
no entrelaçar do tempo,
o devir, vento, entendo
a vida supondo o momento
do eu filosofando,
filosofando o tempo;
nesse exato momento:
o eu não sendo
o ser escrevendo
o eu investigando
o ser-não ser
do eu filosofando,
filosofando o tempo.
ser? memento:
o cômico totêmico,
questão do padecer
enfim, ser-do-tempo
efêmero.



As máquinas entram em greve

Gustavo Silva

AS MÁQUINAS ENTRAM EM GREVE: Um ensaio sobre o trabalho.

Não queremos só construir um mundo melhor, devemos construir um mundo totalmente diferente. Que não lutemos apenas pelo 4x3, não basta a redução da jornada e melhores condições, não basta "desalienar" o trabalho. Enquanto não se abolir o próprio trabalho, ele se manterá como a instituição que forma a subjetividade e define a existência dos indivíduos. Devemos construir um mundo que não esteja submetido à moral do trabalho, um mundo pelo qual se valha a pena morrer, e não um onde seja necessário morrer para não viver nele.

Quem dera o trabalho ficasse restrito ao trabalho assalariado, assim a redução da jornada representaria uma redução no trabalho, de fato. Mas o capitalismo não se encontra somente na fábrica, ele se mantém principalmente no inconsciente, sendo assim, a moral da produtividade define nossa existência mesmo após o simples momento de "bater o ponto". Até em momentos de lazer estamos trabalhando, temos que ver o máximo de filmes, otimizar o tempo ao máximo, utilizar ele da melhor forma possível, organizar o tempo e disciplinar nossos corpos de tal maneira que somos nós mesmos os carrascos e, ao mesmo tempo, escravos. O neoliberalismo já contempla a redução da jornada, afinal, o trabalho não é mais socialmente necessário, gasta-se mais tempo criando a demanda do que produzindo a oferta, e o objeto de consumo é criado primeiro no desejo e depois produzido, assim, mais tempo "livre" é mais tempo "trabalhando" na produção de desejo e consumo, sem sequer arranhar a lógica de produção de valor. Tudo isso só demonstra como o próprio capital opera para o seu próprio desenvolvimento mesmo nos movimentos que buscam criticá-lo, desse modo, sua destruição só é possível atacando aquele que está em sua raiz, (o que deveria ser óbvio, mas é engraçado como não o é) o trabalho.

Não conseguimos ver qualquer horizonte que não seja a mera modificação estética do estado atual das coisas. Modifica-se o trabalho para o patrão, por um trabalho "voluntário" ao partido ou ao povo, disciplina e a opressão são mantidas. Se não podemos pensar em nada verdadeiramente novo, que se destrua tudo que existe em vez de tentar construir algo, e somente após isso poderemos pensar. Se não pudermos construir qualquer existência totalmente diferente desta, melhor cessar de ser. Já basta de reformas, já basta de direitos, já basta de tomar o estado. Queremos matar o homem e queimar seus restos.

Nem mesmo o marxismo ortodoxo, que busca ser disruptivo, consegue fugir do humanismo, este definido pelo trabalho, homem esse inerentemente capitalista. "Trabalhem menos! Trabalhem todos!". Sequer conseguem rejeitar a instituição burguesa do homem, assim servindo a própria lógica colonialista, que buscava distinguir-se dos bárbaros por estes não trabalharem, e viverem num estado passivo de mera exploração do que a natureza tinha a oferecer. Irônico pensar que para muitos o problema do capitalismo passa longe da forma-valor, mas sim diz respeito a "uma classe de vagabundos, que explora os que trabalham" sem perceber que a classe trabalhadora é oprimida não pela burguesia, mas pela moral do trabalho que é criada para beneficiar esta. A classe

trabalhadora só pode ser liberta quando se livrar da sua própria condição de trabalhadora, aniquilando a si mesma enquanto classe, cessando sua própria existência categorizada.

A moral do trabalho tem seu refinamento na velha teoria do valor, ideia absurda que trata como universal aquilo que não passa de particular e histórico. A rejeição à crítica da forma-valor, algo comum dentro desse marxismo vulgar, só reforça o caráter branco e burguês do stalinismo pseudo-marxista, ignorando como o que é considerado trabalho, e que portanto produz valor, tem caráter de classe e raça muito bem definidos. Trabalho é simplesmente aquilo que é branco, masculino e ocidental, não estão incluídas as atividades exercidas pelas mulheres e muito menos pelos povos indígenas. Sendo assim a instituição trabalho age como um vírus colonial, que tenta adaptar tudo a sua aparência, buscando destruir modos de vida que não sejam pautados nele e, quando isso não é possível, tentam incluí-los como se também fossem trabalho (novamente com um projeto hegeliano de universalizar as características do homem europeu moderno).

Ele é de fato inerentemente humano, e é exatamente por isso que deve ser abolido. É humano pois é pautado nessa instituição histórica de submissão, que despreza a coletividade em prol da ação individual que busca se distinguir dos "animais" e do "mundo natural" como se o homem tivesse o direito, e dever, de submeter este.

O trabalho não representa nada além de sofrimento, uma obrigação, um dever. Não está pautado no prazer, criatividade ou liberdade. Ele subjuga, infertiliza e empobrece tudo que toca.

Da obsessão

Guilherme Belopede

Da obsessão

E, se R. Descartes pensasse que era, talvez ele mesmo pudesse ser; pensou consigo mesmo. Andar era o mínimo que poderia fazer, herdeiro-filósofo, caso quisesse buscar algo a fazer. Fazer algo era essencialmente oposto a pensar, entonou para si. Será que ser a si exigia ação? Questionou-se. Uma ação, por sua vez, exigiria pensamento, e, pensando, de certo, estaria sendo. Sendo assim, não bastaria o pensamento para ser? Isso já é dado, R. Descartes.

Caminhou pela calçada, voltava à casa. Logo percebia-se só mais uma vez. Tendia a ignorar o fato de que seu gato havia-o aguardado em sua irracional indiferença animal; requisitava comida. Comia o gato a comida. Andava descalço; sapatos às mãos. Dedos entrecruzados, enrolavam os cadarços à sua volta, um gesto de impaciência; sentava na cama; sapatos ainda às mãos. O couro cheirava-lhe mal, ou, o sintético courino cheirava-lhe pior. Se a ação que fiz agora é fruto de meu pensamento, não seria a ação apenas um epifenômeno? Tentava despojar a experiência de si mesma. Intranquilo, pôs-se de bruços. Sapatos já ao chão. Aterrou-se à cama.

Seria também minha inação uma ação? E, se sim, seria meu não agir fruto também de um pensamento? Tencionou-se pela pergunta. Não penso não agindo... Não há como ser onde não penso... Justamente! Trata-se do Não-Ser! É tudo aquilo que não é, e como muito bem elaborou Parmênides, o Ser é e o Não-Ser não é. Tão simples assim. Estava salvo novamente de sua obsessão, senhor R. Descartes.

Dormiu, como se ao som das liras angelicais, após o bom sucesso de mais uma empreitada lógica. Curiosamente, o gato junto dormiu, juntou-se, sem pretensão de desbravar o mundo da matéria.

Diabos com seus espetos traziam carregada sua mãe. Mãe! Colocaram-na ao chão, faziam voltas, ameaçavam-na com setas pontiagudas, ateavam fogo a suas roupas e cabelo. Aterrador. Chutam-lhe o traseiro; zombeteiros, estavam apenas a provocar. Impotente, apenas podia observar inativo, inexistente. Logo depois, o susto, o rememorar com angústia, fui enxotado de mim.

Então achas que tem algo de voyeurismo? Hum, por que surgiste com essa ideia? Ora, não sei bem; observar, não é? É. Sim, exato, acho que era um pouco disso. Não queres explicitar que parte do sonho lhe remete a isso? Bem, os sonhos costumam ser só observação,

embora em muitos tenha ação, na realidade; enfim... Não tens um motivo em especial para dizê-lo? Não sei.

...

Não sabes? Que irritante são essas perguntas sucessivas. Mas tu que surgiste com a ideia do voyeurismo. Sim... como ideia qualquer, vais a enxotar-me daqui? Podemos acabar por hoje.

Já voltava à casa novamente. Comia a comida, o gato, que também volvia junto ao dono. Não há que dar atenção qualquer a qualquer dessas cousas, sonhos são, como bem sabido, ilusões; em dúvida pronunciou. É uma espécie de Não-Ser, uma ilusão, tal qual a aparência que mascara a essência; por fato que o sonho ocorre em falso, esconde que apenas dormes e nada mais. Então por que estás em análise, R.? Ora, me mandaram! Quem mandaram? A insistência social é um dos males do homem, não achas? Por que? Bem, a insistência gnosiológica é plenamente justificada, é a única forma de ascender à verdade, duvidas de tudo, certo? E a social? Essa é feita tão somente de desentendimentos, todos erros paralogismos, plenamente desnecessários.

Apenas associe livremente sobre enxotar: Bem, lembra-me de passáros, aqueles que encontro frequentemente na boca de meu gato. Continue. E a boca do meu gato é como a boca do inferno, é uma visão recorrente; e no inferno... Vivem diabos. Que queres provar com isso? Se não percebeste, apenas prossiga a associação. Continuarei então, no inferno estão os pecadores, os ateus e as prostitutas; o inferno apresenta muito de terrorífico, aterrador. E o que é aterrador? Existe uma dupla acepção da palavra, tanto aquilo que é subterrâneo, aterrado no subsolo, quanto aquilo que aflige, causa medo, o sentido que designei de primeira. E quanto a aterrar no subsolo? Não me diz muito. Disse certa vez que aterrara-se na cama, não? Sim, mas não diz muito. Mas que queres dizer com aterrar-te? Afundar-me, oras, colocar-se ao mundo de Orfeu, se quiseses mais poética. Não crês que aterra-te? Não sei... Ou que coloca-te à terra? É apenas um jogo de palavras.

Não sei dizer que ainda busco, os sentidos vazios acabam por se esvair, afinal. Um jogo de palavras não diz nada.

R. Descartes. R de René. R de Razão. R de Retórica, R de Repetição e R de Real.

Saco de Batatas

é a história das desventuras de amor de
de um estudante de LETRAS da FFLCH.

Após ele tomar um cogumelo, passa a
ter alucinações e a ver uma batata,
fruto de seu subconsciente, que o ator-
menta e passa a acompanhá-lo em sua
solitária vida.

Ainda em desenvolvimento, o quadrinho
provavelmente será lançado no meio da
ano que vem; para acompanhar essa
e mais histórias me siga em:

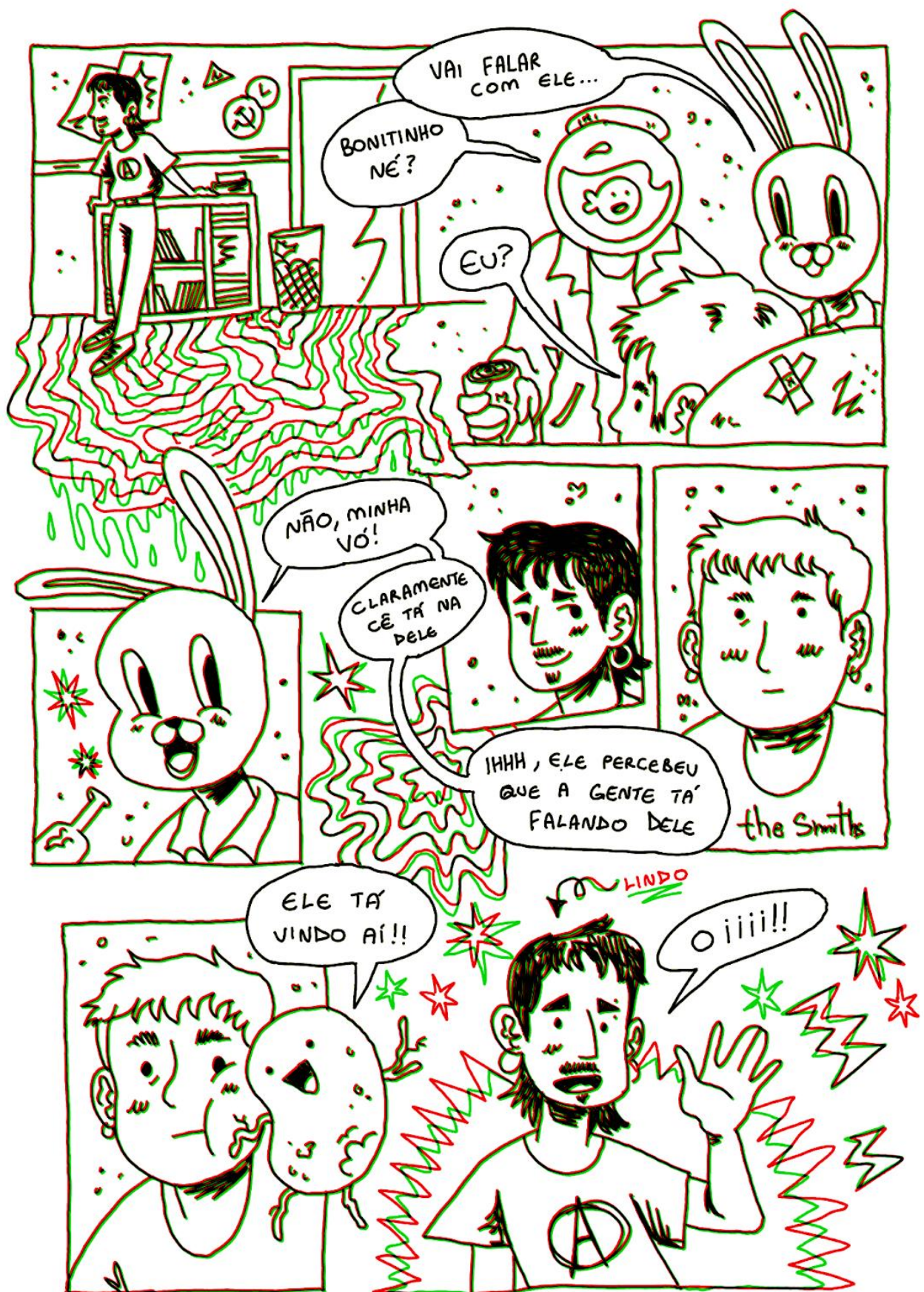
@ivo-artur

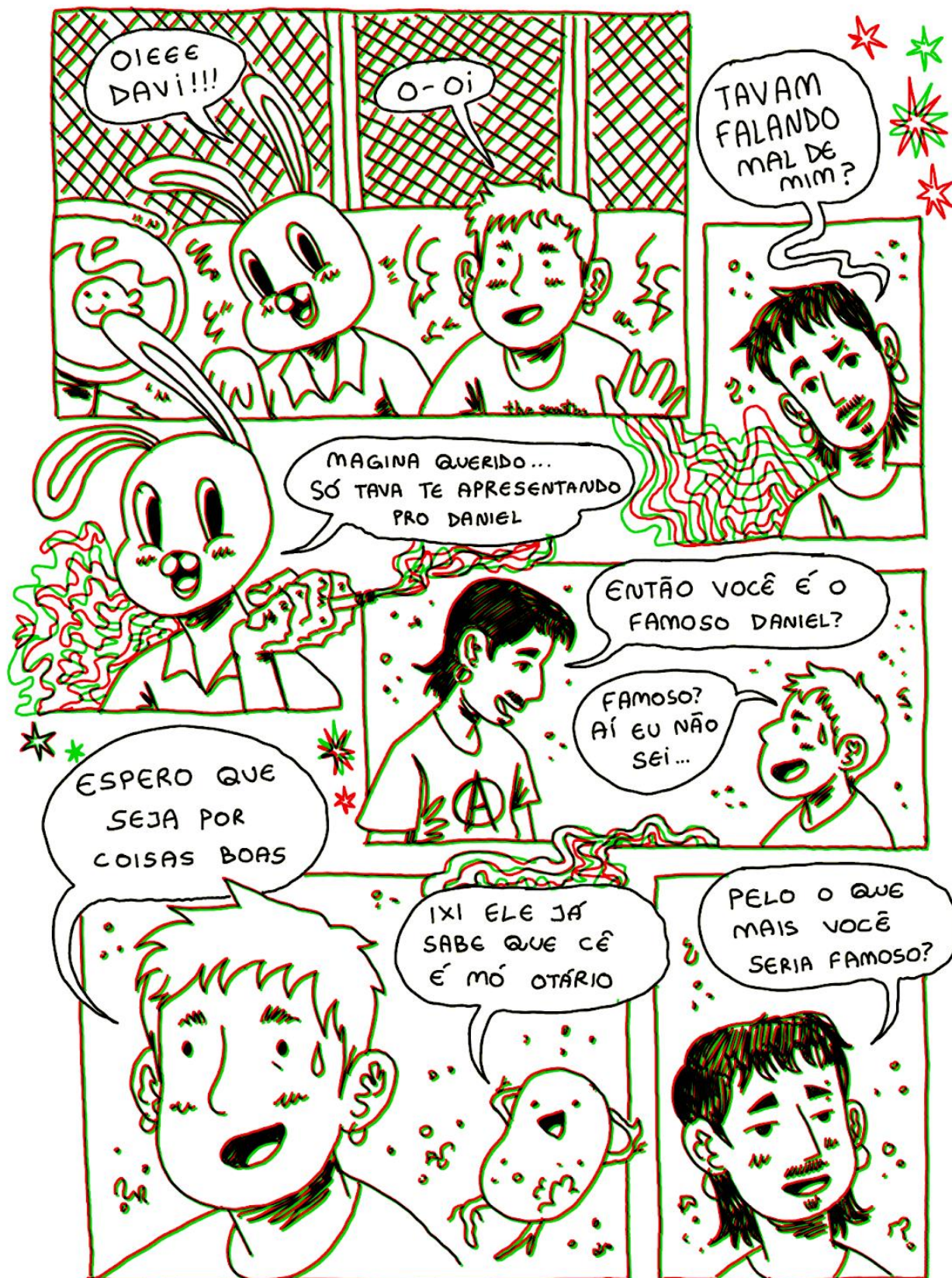












Continua...